



Gravidez na Adolescência na Mídia Impressa¹

Sônia Schena BERTOL²

Vanessa LAZZARETTI³

Ingra COSTA E SILVA⁴

Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo/RS

RESUMO

Considerando que os jornais são uma janela para o mundo, a forma como as notícias são apresentadas nos jornais moldam a opinião pública e direcionam o debate sobre determinado tema. Ponderamos que a percepção do objeto “Gravidez na adolescência” advém em grande parte de sua abordagem pela mídia impressa. Sendo assim, a proposta deste estudo em andamento pretende deter-se na verificação deste tema na mídia local, representada pelo jornal O Nacional, com nosso material de análise sendo retirado intencionalmente do periódico. Através da Análise de Enquadramento, verificaremos quais os principais enfoques que o tema gravidez na adolescência recebeu, seguindo um protocolo com conotadores elaborados para este fim e considerando a revisão bibliográfica realizada acerca da Comunicação da Saúde.

PALAVRAS-CHAVE: gravidez na adolescência; mídia impressa; análise de enquadramento

COMUNICAÇÃO DA SAÚDE

Novas maneiras de olhar a saúde estão sendo reveladas nos últimos anos, ampliando-se a compreensão de que esta relaciona-se diretamente com o contexto e com o entorno físico-ambiental e a situação sócio-econômica-cultural do indivíduo. Assim, ao se pensar na saúde, passou-se a levar em conta aspectos mais globais, como alimentação, moradia, segurança, educação, nível sócio-econômico, ecossistema, justiça social, igualdade e paz. Na agenda contemporânea dos temas de saúde, vêm fazendo

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais – GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora e pesquisadora da Universidade de Passo Fundo. Doutora em Comunicação pela UMESP. Doutorado-sanduiche na Universidade Johns Hopkins com bolsa CAPES. Coordenadora do Curso de Jornalismo. sobertol@upf.br

³ Orientanda de iniciação científica. Bolsista pelo PIBIC – Programa institucional de bolsas de iniciação científica da UPF. Aluna do V nível do Curso de Jornalismo. vannee_lzt@hotmail.com

⁴ Orientanda de iniciação científica pelo PIVIC – Programa Institucional de bolsas de iniciação científica da UPF. Aluna do V nível do Curso de Jornalismo. ingra.costa@hotmail.com

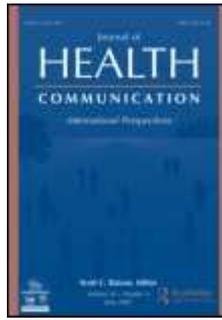


parte a promoção e fomento da adoção e manutenção de estilos de vida saudáveis por parte da população. Sendo assim, a idéia presente hoje que sintetiza o conceito de saúde adotado pela Organização Mundial da Saúde, é de que a saúde é um estado de bem-estar positivo – associado à adoção de atitudes, potencialidades e qualidades e não à mera ausência de enfermidades, o que reforçou mais ainda a relevância dos programas comunicacionais, tendo a saúde encontrado na comunicação um componente fundamental e indispensável dentro desta sua nova visão.

Segundo Pintos (2002), o encontro das duas disciplinas da Comunicação e da Saúde, foi constituindo uma área profissional específica com intenções concretas:

- assegurar uma cobertura adequada dos temas da Saúde por parte dos meios massivos;
- diminuir a brecha existente entre avanços da medicina e a incorporação destes pela população;
- estudar as estratégias e os meios necessários para conseguir que as temáticas da saúde alcancem os públicos objetivos e produzam neles efeitos concretos;
- motivar a população para temas como políticas de saúde e qualidade de vida;
- gerar ações efetivas em favor da prevenção da enfermidade, da proteção e promoção da saúde integral.

O ano de 1996 vem sendo lembrado como um marco importante na sua consolidação, quando o primeiro número do *Journal of Health Communication* (JOURNAL..., 2007), definiu a Comunicação em Saúde como “um campo de especialização dos estudos comunicacionais que inclui os processos de *agenda setting* para os assuntos de saúde: o envolvimento dos meios massivos com a saúde; a comunicação científica entre profissionais da bio-medicina, a comunicação médico/paciente; e, particularmente, o planejamento e a avaliação de campanhas de comunicação para a prevenção da saúde”. E antecipou a expansão deste nos Estados Unidos e no resto do mundo.



Capa do *Journal of Health Communication*

Em seu primeiro número, um texto de autoria do pesquisador norte-americano Everett Rogers, intitulado “*Up-to-date report*” (Rogers, 1996, p.15), ratifica a importância da Comunicação da Saúde, lembrando que esta começou há cerca de 35 anos atrás, com o *Stanford Heart Disease Prevention Program*, em 1971. Neste programa, um cardiologista e um estudante de comunicação planejaram uma campanha de promoção da saúde que foi implementada em diversas comunidades da Califórnia. Sua concepção incluiu mensagens na mídia promovendo exercícios regulares, parar de fumar, mudanças na dieta e redução do stress. O programa estava baseado em três princípios teóricos: teoria do aprendizado social (Albert Bandura), teoria do marketing social (Kotler e Roberto) e teoria da difusão de inovações (Everett Rogers). Estes formaram a base de intervenções da comunicação desde então. Sobre o *Stanford Heart Disease Prevention*, bem como sobre a origem da associação da comunicação com a saúde, Alcalay (1999, p.192, tradução nossa) recorda que:

A origem desta área de especialização em comunicação para a saúde se atribui a um projeto em particular, o Stanford Heart Disease Prevention Project [Projeto para Prevenir as Doenças do Coração] dirigido pelo doutor Jack Farquahar, cardiologista, e pelo doutor Nathan Maccoby, professor de comunicação. Reconhecendo a importância desta área de estudo, o governo dos Estados Unidos estabeleceu em 1993 a Oficina de Comunicação e Saúde localizada nos Centros para o Controle e Prevenção de Doenças (CDC).

Todo o quadro ascendente da Comunicação da Saúde vai ao encontro de nossa visão de que a evolução da medicina, da genética e das ciências humanas, entre outras, significa, também, o desenvolvimento do próprio homem. E é justamente na divulgação de sua evolução que se encontram possibilidades concretas para estender o novo conhecimento à sociedade, sendo primordial o papel do comunicador como “tradutor” entre o que as inovações surgidas e o que o público toma conhecimento.



A INTERVENÇÃO NA SAÚDE COMO FENÔMENO DE MUDANÇA SOCIAL

A intervenção na saúde, como o verbo já diz, refere-se à interferência nos hábitos, a fim de melhorar a qualidade de vida de um determinado grupo de pessoas ou comunidade. Uma das principais ferramentas (se não a principal) para intervir na saúde, é a comunicação. No âmbito da saúde, a comunicação diz respeito ao estudo e utilização de estratégias para informar e para influenciar as decisões dos indivíduos e das comunidades no sentido de promoverem sua saúde. Essa definição é suficientemente ampla para englobar todas as áreas nas quais a comunicação é relevante em saúde. Não se trata somente de promover a saúde, embora essa seja a área de maior importância estrategicamente. De fato, a comunicação em saúde inclui mensagens que podem ter finalidades muito diferentes, tais como: promover e educar para a saúde; evitar riscos e ajudar a lidar com as ameaças para a saúde; prevenir doenças; sugerir e recomendar mudança de comportamento; recomendar medidas preventivas e atividades de autocuidado; informar sobre a saúde e sobre as doenças.

É possível assim que a comunicação em saúde tenha influência tanto em nível individual, quanto em nível da comunidade. Em nível individual, ajuda a tomar consciência das ameaças para a saúde, pode influenciar para mudanças que visam reduzir os riscos, bem como reforça atitudes de comportamentos favoráveis à saúde. Em nível da comunidade, pode promover mudanças favoráveis nos indicadores sócio-econômicos e físicos, melhorar a acessibilidade dos serviços de saúde e facilitar a adoção de normas que contribuam positivamente para a saúde e qualidade de vida. Esses são alguns dos motivos que, de acordo com Salmon (1992), fazem da intervenção na saúde um fenômeno de mudança social. "Os pressupostos que fundamentam este quadro mostram que as intervenções em saúde são vistas como fenômenos de mudança social em que os formuladores de políticas, planejadores, profissionais, ou outros, têm o objetivo de influenciar a saúde através de atitudes, comportamentos físicos e sociais". Salmon (1992, tradução nossa).

A intervenção e a comunicação em saúde surgem não só como uma estratégia para prover indivíduos e coletividade de informação, pois reconhece-se que a informação não é o suficiente para favorecer mudanças, mas é uma chave, dentro do



processo educativo, para compartilhar conhecimentos e práticas que podem contribuir para a conquista de melhores condições de vida. Reconhece-se que a informação de qualidade, difundida no momento oportuno, com a utilização de uma linguagem clara e objetiva, é um poderoso instrumento de promoção da saúde. O processo de comunicação deve ser ético, transparente, atento aos valores, opiniões, tradições, culturas e crenças da comunidade, respeitando, considerando e reconhecendo as diferenças. Deve ainda apresentar informações educativas, interessantes, atrativas e compreensíveis, para assim alcançar os objetivos almejados.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Atualmente há um aumento significativo de casos de gravidez em adolescentes. Em 1990, cerca de 10% das gestações ocorria nessa faixa etária. Em 2000, portanto apenas dez anos depois, esse índice aumentou para 18%, ou seja, praticamente dobrou o número de mulheres que engravidam entre os 12 e os 19 anos. Apesar de hoje a sociedade ter se modernizado e as mulheres adotado um outro estilo de vida e, principalmente, apesar da divulgação de métodos contraceptivos, “a cada ano mais jovens engravidem numa idade em que outras ainda dormem abraçadas com o ursinho de pelúcia” (DRAUZIO VARELA, 2007...).

Os dados do Ministério da Saúde (PORTAL DA SAÚDE, 2007...) também ratificam que, no Brasil, a gravidez entre os 15 e 19 anos cresceu, contrariando a tendência geral de diminuição das taxas de fecundidade. A Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) realizada em 1996 demonstrou que 14% das mulheres nesta faixa etária tinham pelo menos um filho e que as jovens mais pobres tinham mais filhos do que as de melhor nível sócio-econômico. Além disso, observou-se um aumento no percentual de partos de adolescentes de 10-14 anos atendidas pela rede do SUS (Sistema Único de Saúde/Ministério da Saúde) e, também, de curetagem pós-aborto. Na opinião dos especialistas, os dados evidenciam que “Esta realidade, de origem multicausal, revela deficiências na implementação de políticas públicas, exigindo um movimento do governo e da sociedade para promover a saúde e o desenvolvimento da juventude.” (PORTAL DA SAÚDE, 2007...).

Consideramos muito significativo, ainda, o que indicam os dados do periódico "Crianças e Adolescentes -1997", um trabalho do IBGE (Instituto Brasileiro de



Geografia e Estatística) junto ao UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), de que “existe um acentuado vínculo entre a gravidez na adolescência, a pobreza e o nível educacional: quase metade das mães adolescentes não completaram o 1º Grau.”(IBGE, 2007...). Isto implica diretamente no fato de que a relação entre a maternidade na adolescência e a pobreza traz à tona graves problemas, como taxas de mortalidade infantil, desnutrição e outras carências à infância brasileira. Esta publicação também divulgou, entre outros dados, que no Sudeste 12,3% da população com mais de 15 anos tiveram filhos e no Nordeste, 13,6% nessa faixa de idade já é mãe.

Sendo assim, consideramos que a Comunicação da Saúde constitui-se num instrumento fundamental para oferecer meios para evitar ou postergar a gravidez na adolescência e as seguintes, conscientizando as adolescentes sobre todas as implicações que a mesma acarretará para sua vida adulta, orientando-as para uma vida saudável, o que pode ser visto como um direito de cidadania que precisa ser assegurado.

QUALIFICAÇÃO DO PRINCIPAL PROBLEMA A SER ABORDADO

Se pensarmos que hoje o grande público começa a se interessar cada vez mais pela informação científica trazida pelos periódicos e por diversos produtos editoriais que têm se preocupado exclusiva ou complementarmente com a divulgação da ciência e da medicina, então é hora também de qualificar sua cobertura, surgindo neste quadro a importante presença do comunicador, suscitando interesse e curiosidade, promovendo programas de promoção da saúde pública e de prevenção de doenças coletivas na agenda midiática. Quanto às grandes massas excluídas das benesses das ciências médicas, Carvalheiro (1999, p.7) nos faz lembrar:

O mundo contemporâneo assiste a uma dramática deterioração das condições gerais de vida e saúde de segmentos cada vez maiores da população. Uma agenda de discussões carregada faz parte do repertório dos teóricos, políticos, empresários e trabalhadores; enfim, de toda a população. Uma ampla diversidade dessa agenda torna difícil identificar a importância relativa de cada um dos grandes temas atualmente em debate, tanto no Brasil quanto (especialmente) no exterior. Não passa despercebido, no entanto, o crescente interesse pelo que está ocorrendo na área. As razões mais evidentes a justificar esse interesse, poderiam ser de natureza humanitária, diante da vergonhosa situação da saúde em grande parte do mundo.



Se parece preocupante a situação da saúde na contemporaneidade, como um bem de acesso restrito àqueles que podem pagar pelos seus altos custos, como lembra o ex-Ministro da Saúde José Serra (1999 p.39), ao pontuar que

[...] os meios de prevenção e tratamento das doenças foram se tornando mais sofisticados e caros. Não apenas face aos frutos crescentes da tecnologia, mas também porque, no passado, existiam mais doenças sem possibilidade de tratamento e estas possibilidades foram sendo abertas ao longo do tempo.

A pesquisadora Virginia Silva Pintos (2003, p.123, tradução nossa) considera que:

A Saúde sofreu uma transformação substancial de paradigma nos últimos anos. De uma perspectiva que privilegiava a medicina como único fator de proteção sanitária, se chegou a uma visão que transcende o problema médico para implicar o entorno físico-ambiental e a situação econômico-social do indivíduo. A Saúde, como conceito, foi desenvolvendo novos sentidos; transcendeu a esfera enfermidade/curativa (ausência de enfermidade), para abranger aspectos mais globais: alimentação, moradia, segurança, educação, nível sócio-econômico, ecossistema, justiça social, igualdade e paz.

Este entrelaçamento entre o social e o biológico, entretanto, vem sendo reivindicado ainda hoje. Luis Ramiro Beltrán (2001) aponta ainda a reafirmação da importância dos conceitos de *promoção* da saúde e de *prevenção* da doença quando representantes de 134 países reuniram-se na União Soviética no ano de 1978, em evento promovido pela OMS do qual derivou a *Declaração de Alma-Ata*, conceitos que também seriam adotados pelo Governo dos Estados Unidos no ano seguinte e que ganhariam grande amplitude no ano de 1986, quando a OMS promove a Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, no Canadá. Desta Conferência resultou um documento denominado *Carta de Ottawa*, “que definiu a promoção da saúde como o processo que consiste em proporcionar aos povos os meios necessários para melhorar sua saúde e exercer maior controle sobre a mesma”. (2001, p.358, tradução nossa). Tanto a reunião de Alma-Ata quanto a de Ottawa tiveram a preocupação de demonstrar também a importância da Comunicação dentro deste novo paradigma de *promoção* da saúde: “Visto que por definição a promoção deve alcançar seus fins por persuasão, não por coerção, **se atribui universalmente à comunicação a qualidade de instrumento chave** para materializar tal política de saúde.” (2001, p.361, tradução nossa, grifo nosso).



Quando uma adolescente engravida, geralmente ela se vê numa situação não planejada e até mesmo indesejada. Na maioria das vezes a gravidez na adolescência ocorre entre a primeira e a quinta relação sexual. E quando a jovem tem menos de 16 anos, por sua imaturidade física, funcional e emocional, crescem os riscos de complicações como o aborto espontâneo, parto prematuro, maior incidência de cesárea, ruptura dos tecidos da vagina durante o parto, dificuldades na amamentação e depressão. Por tudo isso, a maternidade antes dos 16 anos é desaconselhável.

Para se analisar o comportamento reprodutivo das mulheres na América Latina é importante abordar o período da adolescência por suas implicações sociais e econômicas. Segundo dados do IBGE, há um claro vínculo entre gravidez na adolescência e pobreza, revelado pela concentração de mães adolescentes pertencentes aos estratos de renda mais pobres. Assim, quando se analisa o nível educacional das mulheres, é possível verificar que quase metade das que não completaram o ensino fundamental foram mães adolescentes contra apenas 7% das que completaram o segundo grau. A forte relação entre maternidade na adolescência e pobreza traz à tona um dos mecanismos de reprodução biológica da pobreza que se traduz nas elevadas taxas de mortalidade infantil, desnutrição e outras graves carências da infância.

Como referimos acima, a Saúde, enquanto conceito, vem se desenvolvendo e abrangendo questões mais globais, como a educação e a condição sócio-econômica onde os cidadãos estão inseridos e, para implementar as políticas de saúde – segundo o próprio entendimento da Organização Mundial da Saúde, a Comunicação é uma peça chave, persuadindo os cidadãos a adotarem e manterem comportamentos saudáveis. Assim, acreditamos profundamente que a análise das mensagens emitidas pela mídia impressa sobre a gravidez na adolescência, nos fornecerá diversos subsídios de como a questão da gravidez na adolescência vem sendo enquadrada pelo periódico selecionado para o presente estudo, subsídios que nos iluminarão a compreender o ângulo que o debate sobre este importante tema vem ganhando na mídia impressa e, a partir daí, buscar caminhos para o seu aperfeiçoamento. Ratificamos aqui a visão de quanto nos é estimulante a verificação da abordagem que a gravidez na adolescência vem ganhando na mídia impressa, e o novo direcionamento que poderá ser dado a esta abordagem a partir de então.

ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO



No que se refere à área das notícias de saúde, inúmeros estudos vêm sendo realizados com o intuito de examinar seu enquadramento ou *framing* (Lima J, Siegel M, 1999; Menashe CL, Siegel M, 1998; Meyerowitz BE, Chaiken S, 1987). Lima e Siegel, por exemplo, dedicaram-se a encontrar o enquadramento das notícias publicadas na mídia acerca do debate nacional sobre o tabaco nos Estados Unidos, durante os anos de 1997-98. Através de uma análise aplicada em artigos extraídos do jornal *Washington Post*, os pesquisadores examinaram as principais tendências de enfoque destas notícias sobre o debate nacional das políticas do tabaco, considerado o debate mais importante sobre este tema na história recente dos Estados Unidos, estando presente nas manchetes dos jornais quase que diariamente durante aquele período.

“Por que a cobertura da mídia ao debate das políticas do tabaco durante 1997-1998 foi tão extensa, o modo pelo qual o problema do tabaco foi enquadrado durante este debate pode influenciar a formação das suas políticas de ação no futuro”, dizem os autores do estudo (LIMA e SIEGEL, 1999, p.247, tradução nossa).

A *Framing Theory* ou Análise de Enquadramento considera que nas notícias ocorre mais do que apenas “trazer” ao público certos tópicos. O modo pelo qual as notícias são trazidas, o enquadramento (*frame*) no qual as notícias são apresentadas, é também uma escolha feita pelos jornalistas. Segundo Wicks, “*Frames* tornam as pessoas aptas a avaliar, conduzir e interpretar informações baseando-se em construções conceituais compartilhadas. Deste modo, mensagens da mídia contém sugestões contextuais oferecidas por comunicadores profissionais para ajudar pessoas a entender a informação” (2005, p.339, tradução nossa). Assim, um “*frame*” representa o modo como a mídia e os editores da mídia organizam e apresentam as questões que eles cobrem, e o modo como as audiências interpretam o que eles estão oferecendo. “*Frames*” ou enquadramentos são noções abstratas que servem para organizar ou estruturar significados sociais. A *Framing Theory* ou Análise de Enquadramento também defende que a forma “como” algo é apresentado, influencia nas escolhas que as pessoas fazem.



Ainda que a objetividade seja um objetivo de jornalistas profissionais, as mensagens construídas por eles sempre estarão carregadas por um conjunto de práticas ou tradições organizacionais e também por suas opiniões e crenças, resultando em mensagens como representações da realidade apresentada por seus próprios prismas. Orientações de cunho político ou econômico particulares a cada meio de comunicação, práticas organizacionais, as próprias crenças do comunicador e as estratégias para atrair audiências, acabam influenciando no enquadramento das mensagens da mídia.

Selecionar, excluir e ordenar fatos e informações é o que acontece à todo o momento, durante o processo de produção da notícia. Esse processo é trabalhado pelo jornalista e dá forma à mensagem jornalística, que é considerada o reflexo da nossa realidade. No entanto, essa mensagem parte de um determinado enquadramento.

Adotado pelo jornalista para apresentar a notícia, o enquadramento pode ser entendido como o ângulo de abordagem dentre os inúmeros desdobramentos que podem ser adotados para tratar de um mesmo assunto.

De acordo com Murilo Cesar Soares, a noção de enquadramento foi desenvolvida por norte-americanos, sendo a obra *Frame analysis* (1986), do sociólogo Erving Goffman, a referência principal sobre o assunto. Para o sociólogo, os enquadramentos são definidos como marcos interpretativos construídos socialmente, que permitem às pessoas atribuírem sentidos aos acontecimentos e às situações sociais, basicamente, respondendo à pergunta: “O que está acontecendo aqui?”. Seguindo o pensamento de Goffman, podemos dizer que enquadramentos são maneiras de interpretar e dar sentido ao que se passa ao nosso redor.

Há, portanto, forças que agem e influenciam durante a organização do discurso. O que faz o jornalista escolher uma informação e excluir outra, buscar uma determinada fonte ou destacar certos dados está ligado às idéias que formam o perfil do jornalista. Estas idéias estão relacionadas a preconceitos, modo de vida, condição econômica, posicionamento político, espaço, tempo, entre outras.

Assim, podemos afirmar que enquadramento é o modo que cada pessoa interpreta e dá sentido a todas as coisas, a partir da eleição daquilo que lhe é compreensível e aceitável. Da mesma forma o jornalista, na prática, reproduz os fatos e as informações de acordo com sua interpretação e sentido.

Muitas vezes, os enquadramentos dominam de tal forma o discurso que acabam sendo tidos como senso comum, como se existisse apenas aquela visão, ou aquele lado



do fato. Isso acontece, principalmente, nas questões ligadas ao poder social e político. Mas, como afirma Soares, “ os enquadramentos não são estáticos, mas se desenvolvem ao longo do tempo, à medida que os jornalistas redefinem os assuntos e as elites reestruturam suas próprias definições, em razão de mudanças das condições políticas, absorvendo ou cooptando enquadramentos dos desafiadores.”

Os enquadramentos são, conforme Tchuman (apud SOARES, 2006, p.451), “uma característica essencial às notícias, as quais definem a realidade e balizam o entendimento da vida contemporânea”. Ou seja, são recortes de determinada realidade noticiados a partir do entendimento que o jornalista tem se tal situação. Logo, a tão famosa imparcialidade jornalística pode ser questionada.

Como o processo de construção da mensagem jornalística é influenciado por diferentes fatores, como por exemplo, as fontes que busca ouvir e as informações que consegue, é preciso reconhecer que a realidade apresentada pelos jornalistas é apenas uma das leituras possíveis de um fato. A imprensa apresenta uma realidade que não é a própria realidade, que pode ser tomada como uma manipulação do real, assim como pode ser entendida como enquadramento de mídia. No entanto, a mensagem jornalística é considerada uma fiel representação do real e a busca do jornalista deve garantir que realmente seja o mais aproximado possível.

Com o amadurecimento do conceito de enquadramento, a análise do conteúdo midiático com base neste entendimento de produção da notícia se apresenta como uma nova metodologia de pesquisa em comunicação. Murilo Cesar Soares aponta a análise de enquadramento como uma metodologia que toma como objeto a forma como a mensagem jornalística se apresenta.

Trata-se de uma abordagem que salienta o caráter construído da mensagem, revelando a sua retórica implícita, entranhada em textos supostamente objetivos, imparciais e com função meramente referencial. No entanto, refere-se à natureza do texto jornalístico em geral, numa perspectiva sociocultural e política, não implicado um questionamento da atuação profissional dos autores das matérias. Ao desenvolver a análise, o pesquisador identifica as estratégias textuais e as representações contidas em um corpus, podendo estabelecer, por exemplo, contrastes entre coberturas diferentes, as quais, a uma simples leitura, podem parecer semelhantes.(SOARES, 2006, p.450)

O primeiro passo para a realização de uma análise de enquadramento é a definição do nível em que se está trabalhando, se é enquadramento noticioso, constituído através de métodos e técnicas adotados pelo jornalista, ou interpretativo, que



apresenta um nível mais específico e promove uma avaliação particular de temas.. Essa definição é importante para a construção de um marco teórico claro, sistemático e coerente a partir do conceito assumido pelo pesquisador.

A pesquisa deve também identificar as interpretações e as controvérsias que são apresentadas pela matéria jornalística, analisando não só os grupos dominantes ou influentes, mas também a oposição. Além disso, segundo Soares, durante a realização da análise de enquadramento, o observador deve integrar sua análise sob a óptica quantitativa ou qualitativa.

Soares (2006) descreveu a análise de enquadramento nas seguintes etapas:

- 1) definir o objeto a ser analisado e identificar o problema de pesquisa e sua fundamentação teórica;
- 2) indicar quais publicações e linha editorial, período da observação , coletar aspectos relevantes do texto, eleger categorias de análise e relacioná-las;
- 3) descrever as reportagens em análise a fim de caracterizá-las como um todo;
- 4) confrontar e interpretar os dados, visando explicar ou compreender o enquadramento identificado nos textos.

A realização da análise, segundo Soares, deve se construir a partir dos seguintes passos: a partir da leitura dos textos escolhidos para análise, identificar os aspectos mais relevantes e criar categorias de análise, enfocando pontos que suscitem maiores contrastes nos enquadramentos; a partir de uma análise descritiva, caracterizar as reportagens de maneira geral; interpretar os dados obtidos a partir das categorias apontadas anteriormente; confrontar os resultados e teorizar os dados descritos visando a explicação ou a compreensão dos enquadramentos.

Desta forma, à luz da Análise de Enquadramento, construiremos um protocolo com categorias de análise em consonância com os objetivos da Comunicação da Saúde, cujos conotadores, portanto, referir-se-ão à questões tais como:

- prevenção à gravidez não desejada;
- anticoncepção de emergência: acesso, padrão de uso, eficácia, efeitos adversos à saúde;
- corpo, saúde, sexualidade e trajetórias contraceptivas na adolescência;



- sexo seguro: prevenção da gravidez não desejada, das DSTs/AIDS e do câncer de colo uterino;
- iniciação sexual e relações de gênero na gestação na adolescência;
- rastreamento, diagnóstico e tratamento de doenças sexualmente transmissíveis;
- educação sexual nas escolas e nos serviços de saúde.

PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DA PROPOSTA

Como principal resultado esperado, destacamos a centralidade do enquadramento do debate sobre “gravidez na adolescência” oferecido pelos jornais, moldando e orientando a opinião publicada; como proposta secundária, mas não menos importante, estaremos focando na própria implementação da Comunicação da Saúde, visando ampliar o conhecimento desta especialidade ainda tão pouco empregada no Brasil, e o caráter emancipatório que esta proporciona à população. Salientamos que a importância da mídia no mundo contemporâneo, bem como o enfoque dado aos temas tratados na mídia, tornam-se fatores que podem contribuir enormemente para o desenvolvimento sustentável, na medida em que orientam os cidadãos sobre os mesmos. Assim, temas de saúde, quando bem enfocados pela mídia, podem contribuir para a saúde e o bem-estar das populações.

REFERÊNCIAS

ALCALAY, Rina. **La comunicación para la salud como disciplina en las universidades estadounidenses.** In: Revista Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health 5(3), 1999.

BANDURA, Albert. **Social Cognitive Theory of Mass Communication.** In: Media Effects: advances in theory and research. USA: Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, New Jersey, Hove, UK, 1994.

BANDURA, Albert. **Social Learning Theory.** New Jersey: PRENTICE-HALL, INC. Englewood Cliffs, 1977.

BELTRÁN, Luis Ramiro. **La importancia de la comunicación en la promoción de la salud.** In: Midia e Saúde. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.



BELTRAN, Luis Ramiro. **Promoción de la salud: uma estratégia revolucionaria cifrada em la comunicación.** In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 2000, 35.

CARVALHEIRO, José R. **Os desafios para a saúde.** In: Estudos Avançados, São Paulo: USP, 13 v, n.35, Jan/Abr 1999.

IBGE. **Maternidade na Adolescência.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/noticias/maternidadenaadolescencia.html>>. Acesso em 25/03/2007.

IBGE. **Pesquisas Maternidade.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/unicef/saude.html>>. Acesso em 14/07/2007.

JOURNAL of Health Communication. Disponível em: <<http://www.gwu.edu/~cih/journal/>>. Acesso em: 13 jan.2007.

LIMA, J; SIEGEL, M. **The tobacco settlement: an analysis of newspapers coverage of a national policy debate, 1997-98.** In: Tobacco Control, 8 v; 247-253, 1999.

MENASHE, CL; SIEGEL, M. **The power of a frame: an analysis of newspaper coverage of tobacco issues.** United States, 1985-1996. In: Journal of Health Communication; 3: 307-25, Taylor & Francis Group, 1998.

MEYEROWITZ, BE; CHAIKEN, S. **The effect of message framing on breast self - examination attitudes, intentions, and behavior.** In: Journal of Personality and Social Psychology, 52:500-10, 1987.

PINTOS, Virginia Silva. **Comunicación y salud.** In: Inmediaciones de la Comunicación. Montevideú: Universidad Ort Uruguay, 2000, 3.

PORTAL Saúde. **Gravidez na Adolescência.** Disponível em < http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/visualizar_texto.cfm?idtxt=259> Acesso em 13/01/2007.

ROGERS, E.M (1994). **The field of health communication today.** American Behavioral Scientist, 38, 208-214, 1994.

ROGERS, Everett M. **Up-to-Date Report.** In: Journal of Health Communication, 1 v, p. 15-23, 1996.

SALMON, C.T. **Communication yearbook** 15(pp.346-358). Newbury Park, CA : Sage, 1992.

SERRA, José. **A questão da saúde no Brasil.** Estudos Avançados. São Paulo: USP, 13 v, n.35, jan.-abr. 1999.

SOARES, Murilo Cesar. **Análise de enquadramento.** In: Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.



TUCHMAN, Gaye. **Making News.** A Study in the Construction of the Reality. New York: The Free Press; London: Collier Macmillan Publishers, 1978.

VARELA, D. **Gravidez na Adolescência.** Disponível em
<http://drauziovarella.ig.com.br/entrevistas/gravidez_adolescencia.asp> Acesso em 18/11/2007.

WICKS, Robert H. **Message Framing and Constructing Meaning:** An Emerging Paradigm in Mass Communication Research. In: Communication Yearbook No. 29, Mahwah, New Jersey, London, 2005.